



ESTADO DE SERGIPE
PROCURADORIA GERAL DE JUSTIÇA
**COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO
RECORTE DE JORNAIS**

JORNAL DA CIDADE

ARACAJU, DOMINGO 3 E SEGUNDA-FEIRA 4 DE NOVEMBRO DE 2013

CEASA

Adequações são feitas

Aproximadamente 50% das exigências feitas pela Vigilância Sanitária Municipal já foram atendidas pela Associação dos Usuários da Ceasa Aracaju (Assuceaju). É o que afirma o presidente da entidade, Augusto Gonçalves Neto, que aguarda a apresentação do termo de permissão de uso proposto pela Companhia de Desenvolvimento e Irrigação (Cohidro) para que os comerciantes permaneçam desenvolvendo suas atividades no local.

“A Cohidro apresentou a proposta ao Ministério Público para firmar um termo de permissão de uso, mas até o momento não temos conhecimento desse termo, o que estamos aguardando. Segundo a Procuradoria Geral da União deve ser feita uma licitação. Então estamos aguardando, mas a Ceasa continuará funcionando até que uma nova estrutura seja construída, o que acho muito difícil, tendo em vista que o serviço público é engessado e uma obra dessas demora, no mínimo, três anos”, disse Augusto Gonçalves.

Enquanto se aguarda a regularização da atividade desenvolvida na Ceasa por cerca de 180 feirantes, estes investem nas melhorias de seus boxes e espaços de venda, conforme foi estabelecido pela Vigilância Sanitária. “Na área conhecida como das bananas já foram retiradas as estruturas de madeiras e todos os açougues já utilizam os balcões refrigerados, coisa que não vemos em muitos outros lugares de venda de carne aqui

na cidade. Também estamos fazendo um novo galpão e a passarela para os consumidores, sendo que cada box é de responsabilidade do feirante. Inclusive, já dei o prazo até o dia 10 de novembro para que adequações necessárias sejam feitas, caso contrário irei interditar o espaço, conforme o regimento me permite”, afirmou o presidente da Assuceaju.

De acordo com Augusto Gonçalves, o grande impasse para a implantação das adequações é a falta de recursos pelos feirantes, sendo que a situação mais difícil de ser resolvida na Ceasa é a dos 18 barracos de madeira. “O custo dessa obra seria em mais de R\$ 1 milhão. Os comerciantes já disseram que não têm dinheiro para fazer a reforma. Essa é a principal alegação de todos eles. Cada adequação de box custa de R\$ 1.200 a R\$ 1.500. Somente a pedra ser utilizada custa R\$ 500. Mas aos poucos estamos conseguindo atender as exigências da Vigilância Sanitária, sem os exageros por ela apresentados”, destacou.

Entre os ‘exageros’ apontados pelo presidente da Assuceaju está a existência de uma pia e torneira em cada módulo. “Em nenhuma Ceasa do país irá se encontrar isso. Trabalhamos com produtos in natura, não há porque existir em box uma pia. A proposta que levaremos à Vigilância Sanitária é de que façamos um ponto com torneiras para que seja utilizado de forma comunitária”, destacou.